



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

A Representação de uma Prostituta no Contexto de Carreira Desviante

Tais Colling, Jenifer Rosa Arruda, Jhony Pereira Moraes
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Resumo

O presente artigo aborda a relação entre prostituição e carreira desviante a partir de dados de um projeto de investigação, com o objetivo de estudar as interações sociais durante a trajetória profissional de uma prostituta. O método utilizado no presente estudo é caracterizado como História de Vida, o qual permite uma investigação aprofundada de pessoas e grupos sociais (ABBOTT, 1997). A história de vida retratada neste artigo é a de Luciana. Hoje ela tem 52 anos e vive da prostituição desde os 16 anos. A luta de Luciana pela “aceitação” da prostituição hoje é constante. Para ela, mais importante que a aprovação social, é o reconhecimento das próprias prostitutas pelo seu trabalho, pela sua carreira. Dessa forma, o indivíduo que mobilizar a si em função do trabalho, passa a ser responsabilizado pelo seu papel e também pelas implicações dele advindas (GRISCI, 2008).

Palavras-chave: *Carreira Desviante, Prostituição, História de vida*

Área Temática: Ciências Socialmente Aplicáveis

1. Introdução

Esse artigo aborda a relação entre prostituição e carreira desviante a partir de dados de um projeto de investigação desenvolvidos pelos autores, com o objetivo fundamental de estudar as interações sociais durante a trajetória profissional de uma prostituta. Levou-se como apoio para análise os conceitos de *outsiders* ou desviantes, com o objetivo de elucidar o comportamento de indivíduos que transcendem regras sociais.

Historicamente o trabalho é o principal meio pelo qual o indivíduo é reconhecido útil na sociedade (SILVESTRE, FERNANDES; 2012). Dessa forma, grupos sociais acabam criando certos padrões de carreira e de comportamento, defendidos e repassados por gerações. Quando determinado sujeito não segue a concepção sociológica previamente estabelecida, comete uma infração e um desvio de comportamento, passando a serem chamados de *outsiders* ou desviantes (BECKER, 2008).

O indivíduo com características de desviante do presente estudo é Luciana, que trabalha há mais de 36 anos na prostituição. Durante esse período e nessa profissão, teve três filhos, se graduou em Ciências Sociais e concluiu uma pós-graduação em Direitos Humanos. Para atingir seus objetivos, passou por muitos conflitos e problemas de aceitação pelo seu trabalho, principalmente da família. Hoje, se tornou uma referência em Porto Alegre por sua luta pela aceitação social e profissionalização de seu trabalho, através da instituição Núcleo de Estudos da Prostituição (NEP). Nesse contexto, Luciana narra sua carreira na prostituição, que infringem (ou parecem infringir), supostas regras sociais (BECKER, 2008).

Na base de novas concepções de trabalho, o sentido de carreira desviante pode ser compreendido como uma sequência de experiências relacionadas ao trabalho, que não seguem as regras e normas previamente estabelecidas na sociedade. Nesse sentido, a prostituição como



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

uma forma de ganho monetário e não aceita pelos meios sociais, passe ser a base do presente estudo.

2. Marco Teórico

Com o objetivo de contextualizar o estudo, serão apresentadas as variáveis envolvidas no presente trabalho. Primeiramente será elucidado o conceito tradicional de carreira e posteriormente explicações sobre carreira desviante.

2.1 Carreira

O sentido de carreira é considerado recente na literatura, aparecendo com maior ênfase no decorrer do século XIX (CHANLAT, 1995). Nesse momento, o termo carreira passa ter uma maior associação ao capitalismo, onde operários se organizavam no contexto de trabalho e passaram a ser recompensados pela produtividade individual. O conceito de carreira tem passado por influências culturais e de tempo, sofrendo alterações constantes de estrutura e responsabilização pela sua construção.

O conceito de carreira para o presente artigo pode ser compreendido como a progressão do trabalhador em seu contexto de trabalho (OLTRAMARI, 2010). Ou ainda, uma sequência de experiências vivenciadas por um indivíduo relacionadas à sua ocupação (MARRAS, 2000). Dentro desse contexto e ao longo dos anos, as influências na condução de carreira sofreram alterações, apresentando uma transição em seus modelos. Antes, os moldes que se apresentavam eram estáveis e estruturados, apresentando um encarreiramento linear e vertical (DUTRA 1996). Nesse momento, o indivíduo buscava melhores cargos ao longo de uma vida, confinado em uma única organização. Hoje, os modelos são percebidos como fluídos, instáveis e flexíveis (BAUMAN, 1999), podendo o sujeito transitar pelas fronteiras organizacionais na busca por uma melhor colocação.

Muito se discute na literatura sobre o atual sentido de carreira. A autogestão e a maior responsabilização pela progressão do indivíduo na conjuntura do trabalho passam a ganhar um maior destaque. Atrélado ao investimento que o sujeito faz em sua carreira, com o objetivo de se manter competitivo e atuante, estão a métricas de avaliação de desempenho utilizadas pelas empresas com o intuito da máxima produtividade. Essa transferência de responsabilização da empresa para o indivíduo é definida por Oltramari (2010) como uma transformação no mundo do trabalho.

A ascensão do indivíduo no cenário atual leva o trabalhador a gerenciar suas situações de trabalho. Fazendo uma associação ao trabalhador, comandante de sua vida profissional, tem-se o gestor de si, caracterizado pelo sujeito que fará sua carreira a seu modo. Dessa forma, o profissional tem a possibilidade de planejar e mobilizar sua trajetória profissional e pessoal de acordo com as circunstâncias de vida (OLTRAMARI, 2010).

Dessa forma, o item a seguir apresentará um modelo contemporâneo de carreira, onde sua construção está intimamente associada às transformações culturais e a uma maior responsabilização do indivíduo por suas ações.



2.2 Carreiras Desviantes

Historicamente é possível perceber que padrões de comportamento e consumo moldam indivíduos e a sociedade as quais pertencem. Nesse contexto, regras e preceitos são formatados por grupos sociais que legitimam determinado comportamento. Quando algum padrão, que previamente foi estabelecido não é praticado, desvio de ações passam a serem percebidas.

Para compreensão de sua própria vida, as pessoas interagem e socializam com grupos e instituições, onde essas interações recíprocas, ao longo do tempo, passam a ser questionadas e modificadas (DELUCA, ROCHA-DE-OLIVEIRA; 2015). No momento em que uma quebra de padrão socialmente estabelecida é desvinculada do molde historicamente aceito pelo meio social, emergindo atitudes atípicas e se desvencilhando de regras supostamente impostas, passam a moldar características de desvio de comportamento, e tal conduta é conhecida na literatura pelo termo outsider ou desviante (BECKER, 2008).

O desvio acontece como uma forma de reação ao que não lhe interessa. Nesse contexto, algumas atitudes e escolhas passam a serem consideradas na sociedade como incorretas, por não apresentarem as mesmas atitudes de massa. Becker (2008) em sua obra questiona o porquê do comportamento dos outsiders serem julgados como errôneos, sendo que nenhuma lei se aplica e não há um sistema organizado que possa detectar que tais atitudes possam ter infringido alguma lei formal.

Nesse sentido, carreiras não institucionalizadas ou não aceitas pela sociedade, são alternativas de indivíduos que podem ser de cunho opcional, ou pela necessidade imposta. Quando possuem o poder da decisão, normalmente se é apropriado de coisas ou situações que se julgam importantes para determinado contexto. Em situações de necessidades e dilemas, algumas opções e escolhas de vida, que muitas vezes são julgadas como impróprias para sociedade, passam a repercutirem no meio social.

Portando, as caracterizações e estereótipos pré-definidos por grupos sociais em direção aos indivíduos com características de carreira desviante, acabam criando rótulos de desvalorização. É importante investigar, já que a literatura pouco traz como esses atores sociais, desviados da postura de massa, reagem, interagem e constroem suas carreiras em um ambiente minado de padrão.

3. Metodologia

O método qualitativo utilizado no presente estudo é caracterizado como História de Vida, o qual permite uma investigação aprofundada de pessoas e grupos sociais (ABBOTT, 1997). Diante desse método, é possível compreender os motivos e de que forma membros sociais constroem suas vidas.

Fazendo uma união das técnicas qualitativas e História de Vida, assume-se o interpretativismo como orientação metodológica da presente pesquisa, onde se busca a compreensão através de uma análise humana e social (HERVA, 1988). Tal método permite significativas possibilidades de coleta, análise e interpretações de dados. Foi também seguido o modelo de narrativas biográficas para se compreender as alterações objetivas e subjetivas de uma carreira, onde possui como escopo central permitir que o(a) entrevistado(a) se sinta livre para narrar, possibilitando um real sentido e conhecimento de sua trajetória de vida (DOMECKA & MROZOWIKI, 2005).

Para esse artigo, será apresentada a história de vida de uma prostituta de 52 anos da cidade de Porto Alegre, no sul do Brasil. As principais fontes de coleta de dados foram entrevistas narrativas, realizadas no NEP (Núcleo de Estudos da Prostituição). Foram realizados três encontros a fim de investigar e compreender o contexto de trabalho. Dessa forma, seguiu-se um modelo de perguntas abertas, como forma de encorajar o sujeito da pesquisa a narrar sua vida (JOVCHELOVITCH, BAUER; 2002). Das transcrições das entrevistas e diário de campo, seguiu-se a análise temática e cultural do seu conteúdo (RIESSMAN, 2000, 2005).



No tópico que segue, será apresentada a biografia de Luciana, nome utilizado pela profissional em seu contexto de trabalho. Objetivou-se relacionar a História de Vida da entrevistada com o referencial teórico de carreira desviante, tema central da presente pesquisa.

4. Resultados e Discussões

4.1 A Carreira Desviante na Prostituição

A outsider desse artigo é Luciana. Hoje ela tem 52 anos e vive da prostituição desde os 16 anos. Conta que sempre foi sozinha e encontrou na prostituição uma forma de ganhar seu sustento. Durante esse período passou por muitas dificuldades, teve três filhos da prostituição e fez uma pausa na carreira em função da violência sofrida nos anos 80 em decorrência da ditadura. Posteriormente, Luciana retomou a profissão, colou grau e hoje é pós-graduada.

Qualquer carreira, convencional ou desviante possui caráter temporário (SILVESTRE, MANITA; 2008). Dessa forma, Luciana conta que entrou na prostituição por intermédio de um “cafetão”. Ele apresentou as ruas e alguns clientes. Teve problemas de saúde, principalmente de pulmão, que surgiu depois de certa idade, o que dificultou seu trabalho. Na fala ela comenta: “fui trabalhando na prostituição e ainda trabalho, por que tem alguns clientes que ainda atendo. [...] Mas agora a gente tem uma mudança grande, por que depois de uma idade não é a mesma coisa”. Além de a idade interferir na profissão, problemas de saúde, como doenças sexualmente transmissíveis, vida noturna, exposição e aceitação da família, se tornam dilemas, ou não (HUGHES, 1958), na condução dessa carreira. Luciana ainda explica sobre a dificuldade de ser aceita até mesmo pela família “família, mãe e filhos, eles têm dificuldade de aceitar! De aceitar que a pessoa está na esquina lá se prostituindo. A família tem um moralismo, tem a questão religiosa, tem várias questões que acabam nos afastando da família quando a gente assume que é prostituta”. Becker (2008) comenta se um ato é ou não desviante, dependerá de como outras pessoas reagem sobre ele. Além disso, o grau de como esse ato será tratado como desviante, dependerá de quem comete e de quem se sentirá prejudicado por ele.

Na literatura, autores passaram a se perguntar quem são os infratores e os motivos pelos quais essas normas são violadas. Alguns argumentam tal ação pelo fato de alguns indivíduos não aceitarem certos comportamentos sociais. Outros elucidam a necessidade da prática do ato como forma de sobrevivência (BECKER, 2009). Luciana diz: “... tive três filhos na prostituição [...] e fui feliz como prostituta. Sobrevivi. Criei meus filhos com o dinheiro da prostituição. Era um ganho bom, dava pra viver bem e criar os filhos numa boa. [...] Sempre ali, me prostituindo e fazendo a faculdade. Nesse meio tempo me formei em Ciências Sociais pela Unisinos, depois fiz uma Pós em direitos humanos pela UFRGS”.

Alguns conflitos internos, por vezes, são sentidos pelos outsiders, em função de possíveis mudanças radicais em sua trajetória. Algumas situações acontecem forçando uma escolha entre permanecer nessa ocupação ou retirar-se (HUGHES, 1937). Luciana comenta sobre algumas oportunidades durante sua trajetória “me ofereceram algumas vagas para movimentos sociais, mandei projetos e fiz cursos. [...] mas nunca negando ser prostituta, nunca negando que trabalhava na prostituição”. Essa fala reforça o pensamento do sujeito ser capaz de se adaptar a qualquer contexto, reforçando o determinismo que se cria nesse novo cenário global (DELUCA, ROCHA-DE-OLIVEIRA; 2015).

Nas narrativas de Luciana, é notório o sentimento de satisfação pelo trabalho desempenhado durante todos esses anos. O termo desviante traz consigo uma carga de problemas sociais. Pessoas rotuladas como desviantes, trazem uma violação de regras, pelas quais foram consideradas culpadas (BECKER, 2008). Luciana conta que “para estar no movimento de prostituta, tem que assumir que é prostituta para fortalecer as questões de cidadania, a questão profissional que hoje é uma das questões mais fortes que a gente está lutando para regulamentar a prostituição como uma profissão... ela se tornaria legal e acabaria com a ‘cafetagem’, com a exploração sexual”. À medida que as regras entre os vários grupos sociais se chocam, haverá desacordo quanto ao tipo de comportamento apropriado para



qualquer situação (BECKER, 2008). Sobre a carreira, Luciana tem desejo que a profissão de prostituta que seja legalizada, e luta para isso.

O termo “profissional” tem como relação de significado valor e prestígio (DUBAR, 2007). Nesse sentido, somente será valorizada socialmente a profissão que trazer consigo alguma importância de cunho social e, muitas vezes, financeiro. Em relação à profissão, Luciana comenta que até mesmo algumas colegas não consideram a prostituição como profissão, sendo ainda mais complicado lutar contra a sociedade pela causa. “Como se a prostituição não fosse um trabalho e isso é um problema sério, por isso que ela acaba sendo desrespeitada, acaba não conquistando direitos, por que as próprias mulheres não assumem que é um trabalho, entendeu?!”. Becker (2008) observa com facilidade diferentes situações desviantes. Para ele tal característica deveria alertar a possibilidade do sujeito fazer o julgamento do desvio e a situação em que ele é feito de diversas formas, podendo ter diferentes julgamentos pelo mesmo desvio. Em outra fala a entrevistada comenta que “é difícil, porque elas pensam que vão ter que se assumirem como prostitutas. Tem o estigma, daí bate na questão do preconceito, da discriminação”.

A dificuldade de ser um outsider pelo motivo de ser repellido pela sociedade faz com que muitos profissionais tenham receio de se assumirem em seu contexto de trabalho. Um movimento de libertação é hoje defendido por Luciana, que se utiliza de núcleos de apoio e ações sociais em prol da legitimação de seu trabalho.

5. Considerações Finais

O presente artigo teve como objetivo central investigar quanto as interações sociais moldadas por padrões de comportamento influenciam nos modos de viver da sociedade, mais precisamente em suas carreiras. Pensar na construção da carreira sob o enfoque de moldes pré-estabelecidos, sendo julgados por ações consideradas certas ou erradas, orientadas por leis não formalizadas, criam estereótipos e rótulos.

Os chamados outsiders ou desviantes possuem um rótulo punitivo por transgredirem as regras criadas por grupos sociais (BECKER, 2008). Nesse sentido, podem ser observados nas narrativas os sofrimentos e dilemas enfrentados por Luciana, prostituta atuante a mais de 36 anos. Fica claro em muitas falas da entrevistada o comportamento repelente da sociedade frente a uma profissão fora do comportamento de massa. A não aceitação da família e até mesmo das outras profissionais pelo trabalho desempenhado, concretizam o pensamento que a prática de uma ação julgada imprópria por grupos sociais resulta em várias formas de rejeições.

As atitudes de comportamento desviante são, para Luciana, uma luta pela aceitação social de seu trabalho. As significativas consequências da prostituição, vivenciadas por ela e tantas outras, como doenças e violência, se tornaram impulsos para a conscientização em forma de movimentos sociais e núcleos de apoio. A satisfação pelo seu trabalho é em decorrência do que pode proporcionar para sua família, dos estudos que conseguiu pagar e da referência que se tornou na prostituição de Porto Alegre por projetos de inserção social. Observou-se que, por vezes, Luciana permaneceu na carreira de prostituição por opção, visto que convites e novos projetos foram proporcionados.

A luta de Luciana pela “aceitação” da prostituição hoje é constante. Para ela, mais importante que a aprovação social, é o reconhecimento das próprias prostitutas pelo seu trabalho, pela sua carreira. Dessa forma, o indivíduo que mobilizar a si em função do trabalho, passa a ser responsabilizado pelo seu papel e também pelas implicações dele advindas (GRISCI, 2008).



Referências

- ABBOTT, A. (1997). **Of time and space**: The contemporary relevance of the Chicago School. *Social Forces*, Vol. 75, No. 4, pp.1149-1182.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: As consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BECKER, H. S. (2008). **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar.
- CHANLAT, Jean François. Quais carreiras e para qual sociedade (I)? **Revista de Administração de Empresas**, v.35, n.6, p. 67-75, Nov-dez., 1995.
- De Luca, G. ; Rocha-De-Oliveira, S. (2015). Carreiras com Tinta: Desenhando uma Trajetória Profissional no Campo da Tatuagem. **Encontro da ANPAD**, Belo Horizonte.
- Domecka, M. & Mrozowicki, A. (2005). Professional biographies in transition: comparing experiences of workers and business people in post-socialist Poland. **37th World Congress of the International Institute of Sociology**.
- DUTRA, Joel Souza. **Administração de Carreiras**. São Paulo: Atlas, 1996.
- GRISCI, Carmem Ligia lochins. Trabalho imaterial, controle rizomático e subjetividade no novo paradigma tecnológico. **RAE Eletrônica**, v. 7, n. 1, jan./jun. 2008.
- HERVA, S. (1988). The Genesis of Max Weber's Verstehende Soziologie. **Acta Sociológica**. Vol. 31, n.2, pp.143-156.
- Hughes, E.C. (1958) Men and their work. Chicago: The University of Chicago Press.
_____(1937) Institutional office and the person. **American Journal of Sociology**, 43, pp. 404:413.
- JOVCHELOVITCH, Sandra.; BAUER, Martin W.. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- MARRAS, Jean Pierre. **Administração de recursos humanos: do operacional ao estratégico**. São Paulo: Futura, 2000.
- OLTRAMARI, Andrea. **Dilemas relativos à carreira no contexto do trabalho imaterial bancário e suas repercussões às relações familiares**. 2010. 157 pg. Tese de Doutorado – Gestão de Pessoas, UFRGS, Porto Alegre.
- RIESSMAN, C.K. (2000). **Analysis of personal narratives. To appear in Handbook of Interviewing**, edited by J.F. Gubrium and J.A. Holstein, Sage Publications. Disponível em: <http://alumni.media.mit.edu/~brooks/storybiz/riessman.pdf> Acesso em: 1 de outubro de 2014.
- RIESSMAN, C.K. (2005). Narrative Analysis. In: **Narrative, Memory & Everyday Life**. University of Huddersfield, Huddersfield, pp. 1-7.
- SILVESTRE, Agostinho Rodrigues & Manita, Celina. (2008). Relação drogas - trabalho na construção de carreiras desviantes. **Toxicodependências**, Lisboa, 14, 2, 3-14
- SILVESTRE, Agostinho Rodrigues; FERNANDES, Luís. Mutações do trabalho e da pobreza na modernidade avançada. In: Sociedade, crise e reconfigurações: **atas do VII congresso português de sociologia**. 2012.